

## **Com cachorro e de moto pela América Latina**

### **Viajando de moto pela América Latina**

Aletea passou 18 longos meses viajando de moto pela América Central e do Sul. Seu desejo não era acumular quilômetros e muito menos visitar lugares turísticos. Seu principal objetivo era “viajar de maneira simples”, e ao mesmo tempo, descobrir, viver e compartilhar com as pessoas que aparecessem pelo seu caminho.

Seu companheiro de viagem, Jack, um husky-labrador, era que determinava o ritmo da viagem. Mas não só, porque era ele também que amolecia corações e abria portas para muitas surpresas.

Nascida no Brasil, mora desde os 11 anos na Alemanha, Aletea fala perfeitamente alemão e português, além de espanhol, que aperfeiçoou durante sua viagem. Sem barreiras idiomáticas, e com seu jeito aberto/expansivo Aletea conseguiu se aproximar de forma humilde de muitas pessoas e do *gosto/modo* de vida na América Latina.

### **Esta é a aventura de uma mulher com sua moto e seu cachorro Jack**

Início de novembro de 2004. Vou à conferência de Klaus Schubert e Claudia Metz, que durante 16 anos percorreram o mundo de moto. Sem que me desse conta, a apresentação e os *slides* da viagem me causaram tanto impacto, que mudaram a minha vida.

Durante a conferência, entrei em contato com Klaus. Acho que causei nele a impressão de que era uma pequena sonhadora, porque com o meu comentário, ele me disse “que também gostaria de fazer o mesmo”, com um sorriso um pouco irônico e com um pouco de pena. “Se você realmente quer fazer isso, estabeleça uma data” foi a dedicatória que ele me escreveu no exemplar de seu livro “*Abgefahren*”.

As imagens da Patagônia me impressionaram tanto, que imediatamente decidi que a Terra do Fogo seria meu primeiro destino. Quando morava no Brasil, viajei muitas vezes pela América do Sul como mochileira. O continente latino-americano não me era desconhecido. Levei muito a sério as palavras de Klaus e determinei uma data para não perder de vista meu sonho. Decidi então que seria 3 de dezembro de 2005, para que desse tempo de providenciar minha habilitação e a moto adequada, uma Suzuki DR 650 com 24.000 km rodados, pela qual paguei 1.500 euros. Para mais de um dos meus amigos especialistas, essa escolha pareceu uma loucura.

No final, o acerto me daria a razão de que também de forma modesta era possível alcançar os meus desafios.

### **Jack conquista meu coração**

Naquela época, minha família considerava a possibilidade de adotar um cachorro do canil municipal. E nos apaixonamos por um husky-labrador de um ano de idade, que no começo parecia ter algo contra as regras da boa educação. Por isso, resolvi passar mais tempo com ele, e acabamos nos tornando “carne e unha”. A idéia de levar Jack comigo durante a viagem ficava cada vez mais forte; a questão era que eu não tinha a mínima idéia de como tornar isso possível. De qualquer forma, acabei decidindo que ele iria comigo, porque, como se diz “onde há vontade, também há uma saída”. Essa determinação me acompanharia durante toda a minha viagem, e me ajudaria a tomar as decisões nos momentos difíceis.

Em janeiro de 2006 tomo um avião para São Paulo. Jack viaja em um dos compartimentos do avião e minha moto segue de barco para um porto em Buenos Aires. Até que a moto chegasse, passei um tempo com meus avós em São Paulo.

### **A preparação em São Paulo**

Passaram quatro semanas e minha moto chegou ao porto de Buenos Aires. Esse período me permitiu ficar mais tempo com meus avós, que durante minha viagem se despediram desse mundo.

Os custos e as exigências da alfândega influenciaram na decisão de transportar a moto de barco até a Argentina. E essa foi a primeira prova de paciência. A idéia era ir de ônibus buscar a moto, mas nenhuma empresa permitia o transporte de animais, de tal forma que não havia outra solução senão deixar Jack com meus avós.

Para minha sorte, assim que cheguei em Buenos Aires, minha moto estava liberada para percorrer a os 3.000 km entre Buenos Aires e São Paulo. Foi uma boa oportunidade para sentir o gosto de viajar com pouca bagagem.

No Brasil, um marceneiro construiu uma caixa especial para ser acoplada à moto. A pequena casa de Jack, além de confortável, permitiria uma vista ampla durante a viagem. Levou algum tempo para que encontrássemos uma forma segura de adaptá-la à moto. Inclusive, chegamos a testar um carrinho que seria puxado pela moto, mas, no final, a caixa acabou sendo a melhor opção, principalmente porque Jack já dava sinais de se sentir em casa.

## **O caminho para o Sul**

Depois de três semanas consecutivas de chuva, apareceu o sol. Partimos, finalmente, em um domingo de fevereiro. Dietmar, um amigo de Colônia, quis me acompanhar durante a primeira etapa da viagem. Até esse momento, eu não tinha consciência de que cada pessoa tem para si um conceito sobre viajar.

Logo que pegamos a estrada, paramos em uma balança para caminhões de carga: o peso da moto carregada, inclusive comigo e com Jack, era de quase 380 kg.

Jack se acomodou bem em sua nova casa e partimos.

A estrada que havíamos planejado percorrer nos conduziu, ao longo da fronteira entre Paraguai e Argentina, em direção ao Chile, e em seguida descemos pela Patagônia, através da belíssima Ruta 40, com destino a Ushuaia, a cidade mais austral do mundo.

Para minha surpresa, a leveza que senti na primeira viagem de Buenos Aires a São Paulo não tinha nada a ver com a dessa sobrecarregada etapa. Não tinha nada a dizer sobre comodidade. Teria que me acostumar a essa nova forma de viagem, com a esperança de que ao montar a suspensão da moto, os técnicos também tivessem pensado em um possível sobrepeso.

Havia estabelecido que seria mais confortável viajar evitando as grandes estradas e escolhendo as de terra. Porque Jack poderia correr nos primeiros 10 a 15 km do dia, ao lado de moto, que o acompanharia em uma velocidade moderada, evitando que ele pudesse ser atropelado nas estradas com grande circulação. Mas, como era de se supor, essas estradas pouco transitadas também tinham seus defeitos.

Seguindo seu percurso quase ao lado da moto, Jack passou por um incidente. Enquanto cruzava uma das muitas pontes velhas de madeira, escutei um pequeno estalo atrás de mim. Parei, procurei Jack e era como se uma das tábuas o tivesse engolido. Tábua? Justamente, faltava uma tábua grande nessa ponte. Vi que Jack havia caído no rio, quatro metros abaixo, e que se esforçava para nadar até a margem. Enquanto corria me olhando fixamente, não havia se dado conta de que na ponte havia um buraco. O chão desapareceu debaixo de suas patas. Graças a Deus não aconteceu nada. Ele alcançou a margem com esforço e habilidade e correu em minha direção.

### **Albergues noturnos**

Rapidamente nos demos conta de que os cachorros não são bem-vindos em hotéis e pensões. Então, tivemos que encontrar alternativas de hospedagem. Procuramos por alojamentos ou locais adequados para armar a barraca. Tivemos, então, que contar com a boa vontade dos moradores dos povoados pelos quais passamos. O contato estabelecido com eles marcaria o desenvolvimento da viagem, e o valor dessa experiência reconheceríamos depois.

Por casualidade, conheci um brasileiro, Miguel. Foi ele quem me deu uma sugestão fantástica. Ele havia viajado de bicicleta do Brasil até Los Angeles, e me contou que durante seu trajeto se hospedava na sede dos bombeiros. Ele me disse que se eu conseguisse me hospedar uma vez numa sede de bombeiros, todas as outras estariam de portas abertas para mim. Funciona assim: em cada sede se pede uma carta de recomendação que se apresenta na sede seguinte. Este método também funcionou comigo, e os bombeiros me receberam sempre amavelmente. Isso rendeu uma pilha de mais de 100 cartas de referência, que colecionei durante toda a viagem.

### **Segurança por meio de contatos**

Na metade do caminho de uma estrada de terra aconteceu um contratempo inesperado. Dietmar teve o primeiro problema com sua moto: o pneu furou e a bateria acabou. Era impensável continuar a viagem sem antes conseguir consertá-la. O sol estava se pondo no horizonte. Como parecia arriscado acampar nas margens da estrada, porque transitavam muitos caminhões, decidimos pedir em uma casa próxima permissão para armar nossa barraca no quintal. Para nossa alegria, a família atendeu nosso pedido, embora um pouco desconfiada. A partir de então, meus pressupostos se comprovariam:

\* Não acampar em locais afastados, escondidos, de forma solitária, e sim entrar em contato com os moradores dos povoados, conviver com eles e aprender com eles. Não se preocupar em bater recordes de quilometragem nem de velocidade, mas se permitir experiências profundas com as pessoas e a cultura do continente.

\* Bater à porta de pessoas que pudessem sentir minhas intenções e permitissem, com isso, que eu armasse minha barraca no quintal delas. Assim me sentiria mais segura.

\* Fosse em uma cidade, em um povoado ou em uma comunidade indígena, quando eu pedia permissão para acampar, de imediato as pessoas se preocupavam com a minha segurança, e de forma subentendida. O mesmo acontecia quando tinha que deixar a moto por alguns momentos. Em vez de

escondê-la, estacionava no meio da praça, diante de todos. Eles inclusive vigiavam e cuidavam de meus pertences.

Nunca me roubaram nada. Pelo contrário, cada vez mais me surpreendiam a hospitalidade das pessoas e a forma carinhosa com que me recebiam. Além de me abrirem as portas da casa, com um sorriso abriam a da geladeira. Eu costumava levar um pacote de feijão para trocar por alguma comida ou uma conversa amistosa. Minha viagem se nutriu das experiências cotidianas e do contato com as pessoas dos povoados. Curiosa, me perguntar a mim mesma aonde esta viagem me levaria. Com o passar do tempo, me dei conta que ela duraria muito tempo.

**Vulcões, fiordes e geleiras.** O extremo sul do continente se divide em uma variedade de paisagens. Para chegar ao Chile, atravessamos o Aconcágua com aproximadamente 3000 metros de altitude. Passamos por vulcões cobertos de neve para prosseguir em direção ao sul. As paisagens montanhosas, os vales verdes e os lagos me fizeram lembrar alguns lugares da Europa.

Na Ilha Chiloé, Jack passou os dias correndo entre ondas de belas praias solitárias. De Quellon pegamos um barco que percorria os fiordes do sul do Chile até chegar a Porto Aisén. Estávamos então a um passo da fronteira da Argentina.

Na Patagônia pegamos sol, chuva, tempestades de vento e neve, porque o tempo oscila bastante, e felizmente o Pico Fitz Roy, que geralmente fica coberto com nuvens densas e neblina cerrada, nos mostrou sua magnífica face por alguns minutos depois de uma caminhada.

Já no Lago Argentino, o sol brilha com todo seu esplendor e o majestoso espelho glacial Perito Moreno reflete um azul turquesa. Nas geleiras tivemos a sorte de observar enormes blocos de gelo se desprendendo e provocando estrondos que estremeciam as águas do Lago Argentino e formavam ondas.

Pouco antes de chegar ao Rio Gallegos, uma cidade pequena no sul da Patagônia, uma forte tempestade nos surpreendeu, a mesma da que vínhamos escapando durante alguns dias. Vento forte, chuva e 6°C. O vento não me permitia andar em linha reta, e nesse momento me dei conta do que era andar de moto no inverno da Patagônia. Nas ruas de Rio Gallegos me senti fraca e faminta, e naquele momento jurei que não mais dirigiria quando a noite já estivesse se instalado.

Enquanto pensava onde passaríamos a noite, fui tirando a roupa de motoqueira e percebi que uma senhora me observava atentamente. Pela sua cara de espanto, notei que jamais esperaria uma mulher descendo daquela moto.

Jack pulou da caixa. Isso a deixou curiosa a ponto de se aproximar e puxar uma conversa. Acabou que ela nos convidou para tomar mate quente em sua casa. Aceitamos na hora. Aparentemente, meu aspecto lhe causou estranheza. Depois de algum tempo de conversa, seu marido, que trabalhava na construção de estradas, mostrou as roupas com isolamento térmico que usava e, no final, me deu uma de presente. Foi providencial. Essa peça me acompanharia durante todo o inverno da Patagônia. Como ainda não havíamos encontrado nenhum lugar para passar a noite, aceitamos de bom grado o convite para dormir ali e secar nossas roupas.

Em 25 de maio de 2006 chegamos em Ushuaia, “a cidade do fim do mundo”. Aqui meu caminho se separa do meu companheiro Dietmar, que quer chegar mais rápido ao Norte. Eu queria seguir viagem pelos Andes no ritmo de Jack, e fazia alguns dias que havia colocado na cabeça a idéia de ir até a Cidade do México, onde mora um amigo que não via há anos.

### **Descanso de inverno em Buenos Aires**

O inverno estava cada vez mais intenso e sobravam poucas horas de estrada des congestionada por dia. Com as pistas parcialmente congeladas, ficava difícil prosseguir. Recebi um convite de um orfanato do pequeno povoado de Theka para passar a noite. Ao me aproximar da janela no dia seguinte, não conseguia acreditar no que via. Durante a noite havia nevado tanto, que um metro de neve fresca cobria o solo. Nem pensar em continuar a viagem. Novamente fui convidada a ficar por mais tempo nesse pequeno paraíso. Três refeições quentes por dia, banho quente, roupa lavada, passada e até esterilizada.

Pouco depois fiquei doente, com febre alta e dor por todo o corpo. As crianças indígenas do orfanato me deram uma “poção de energia” para que eu me recuperasse mais rápido: canela, açúcar, leite, gengibre e cebola, um verdadeiro “levanta defuntos”. Enquanto me recuperava, ajudar na cozinha e passar meu tempo ao lado delas fez me sentir acolhida, e uma verdadeira ternura por elas se infundiu em mim.

Duas semanas depois, a neve começou a derreter e o sol brilhava novamente. Era tempo de continuar a viagem. Vesti todas as roupas que tinha. Pão fresco e uma tocata andina improvisada pelas crianças marcam a

despedida. No percurso daquele dia, faço uma pausa ao lado de meninos e meninas que esperam pelo ônibus, tomando mate. Aproveito a oportunidade e troco metade do pão que ganhei das crianças por um pouco do mate quente que compartilhavam. Outro carro pára em seguida. Era a cozinheira do orfanato, de quem eu ainda não havia me despedido, que deixa escorrer lágrimas enquanto parte levando as crianças para o povoado mais próximo.

Alguns dias depois, encontro dois conhecidos que haviam se instalado no sul da Argentina. Estava cansada de dirigir debaixo de frio e chuva. Estava em busca de uma alternativa. E foram eles que me ajudaram a conseguir junto a uma transportadora um caminhão que nos levasse até Buenos Aires. No percurso de 2000 km, Jack e a moto ficaram camuflados em meio à carga, e sem que a polícia nos parasse, conseguimos chegar.

Em Buenos Aires, o primeiro a fazer é procurar uma oficina mecânica. Havia uma que oferecia acomodações para os viajantes que precisassem esperar por consertos na moto antes de prosseguir viagem. Esse “acampamento base” era ideal para trocar experiências e materiais, como mapas, livros e equipamentos. Foi onde conheci pessoas que me deram conselhos valiosos de como continuar a minha viagem.

Antes de partir, pensei em usar meus conhecimentos sobre cães para ficar mais um pouco na cidade. Nos classificados encontrei uma senhora que passava apuros com seu animal de estimação. Muito simpática, Alexandra já tinha morado anos no Brasil, onde adotou um filho. Pude lhe ensinar alguns comandos úteis para controlar seu cão. E entre os amigos que me apresentou, fotografar automóveis antigos e casas me rendeu alguns trocados.

Depois de três meses, a temperatura já havia subido consideravelmente, e parecia indicar que era hora de partir.

**Ao ritmo de Jack** Quando saí de Buenos Aires, minha moto era outra. Troquei várias peças, reduzi a bagagem ao mínimo e a casa de Jack ganhou um trinco novo.

Segunda de manhã, horário de *rush* na Avenida 9 de Julho, no centro de Buenos Aires. A caminho do norte, ouço a caixa se abrindo. De repente, Jack salta dela. Os automóveis buzina, freiam. Surpreendentemente Jack não perde a cabeça: continua me seguindo junto à moto, como de costume. Paramos no canteiro da avenida para que ele saltasse de volta e prosseguíssemos com segurança. As pessoas ficaram aliviadas que nada

grave havia acontecido e me desejaram boa viagem. Então ajustei a corrente do trinco e até o fim da viagem isso nunca mais aconteceu.

O novo curso indica o norte da Argentina. Meu objetivo seguinte é percorrer o deserto de Atacama, do norte do Chile ao sul da Bolívia. A temperatura muda drasticamente. Cruzamos paisagens desertas com cactos a uma temperatura de até 40°C na sombra.

Um espinho de cacto furou o pneu. E agora? Nada mais me resta senão procurar um mecânico. Deixo Jack vigiando a bagagem e a moto. Encontro um mecânico jovem; subimos em sua moto meio destrambelhada e vamos até onde Jack nos espera. Em menos de cinco minutos, o pneu está consertado. Felizmente esta seria a primeira e última vez que passaria por esse percalço durante todo o trajeto da viagem.

(falta o parágrafo a ser traduzido)

Perdi o costume de usar relógio. O sol determina minha rotina diária. Quando ele se posiciona a aproximadamente 25 graus sobre o horizonte, sei que é o momento de começar a procurar um lugar para passar a noite, ou para montar a barraca e preparar alguma comida. Minha lanterna já não funcionava e a única fonte de luz quando o sol desaparecia eram as velas.

(falta o parágrafo a ser traduzido)

Atualizo os dados do GPS (sistema de posicionamento global), compro um galão de 20 litros de gasolina, água e alimentos. Durante dois dias vou até a fronteira, onde Jack está, para lhe dar água, comida e passear. Na estrada, conheço dois brasileiros, e um deles acabava de sair do hospital, porque havia se chocado com um burro na estrada. Eles tinham planos de atravessar o deserto, então decidimos que seria melhor irmos juntos. Meus dois novos amigos calculavam que levaríamos 4 horas para percorrer 450 km. Não levavam nem barraca nem saco de dormir.

Depois de organizar tudo, passei para pegar o Jack. Saímos da fronteira e prosseguimos em direção à Bolívia. No altiplano, a uma altura de mais de 3.000m, nos demos conta que os motores não tinham a mesma potência, porque a essa altitude, a falta de oxigênio contribui para o fraco desempenho. Muitas vezes corremos o risco de atolar, porque a areia era muito fina. Estávamos contentes por nos apoiarmos mutuamente. Quando chegou o fim da tarde, meus companheiros entraram em pânico. Não tínhamos certeza de que nesse dia conseguiríamos chegar ao albergue em Laguna Colorada. A perspectiva de não ter onde acampar e dormir nos



abalava diante dos 20°C negativos que costuma fazer durante a noite no deserto. Cinco minutos antes de anoitecer nos deparamos com nossos limites.

Estávamos sem forças e meio congelados, mas ainda contentes. Armamos uma fogueira. Tomamos muito chá de coca. No momento em que me deitei, me esforcei para me manter com as imagens quentes do dia: grandes extensões de areia fina, gêiseres, a beleza da Laguna Verde, o incrível espetáculo de cores da Laguna Colorada, os flamingos e o céu com muita luz estrelada. Então uma paz profunda me invadiu.

**Branco infinito.** Nos levantamos cedo. Já tínhamos passado a etapa mais difícil da travessia. Jack estava fascinado com o deserto, e adorava perseguir alpacas. Perdi Jack de vista e, antes de cruzar o rio, pedi aos meus companheiros que esperássemos. Sentíamos no corpo as rajadas de vento, e Jack felizmente apareceu ofegante no horizonte. Aceleramos. O GPS indica para o norte, mas, de repente, a pista se abre em cinco. Tivemos a sorte de escolher a ramificação correta, que nos levou até um pequeno povoado antes do anoitecer. Lá, dormimos na casa de um senhor.

No dia seguinte chegamos a Uyuni, a primeira cidade depois do deserto com posto de gasolina e supermercado. Aqui me separei dos meus dois companheiros, que continuam sua viagem, enquanto decido ficar alguns dias mais na cidade. Precisava fazer alguns consertos, descansar e comprar alimentos. Minha moto havia sofrido um pouco com a viagem; o gatilho da embreagem estava quebrado na manopla esquerda e o pneu de reserva estava murcho. Na cidade não havia peças para troca, e um mecânico de boa vontade se dispôs a fazer uma adaptação com um gatilho da manopla direita que eu tinha de reserva. Improvisou com tanta habilidade que fez funcionar! Nessa mesma cidade encontro Samuel, um alemão que só fala inglês e que viaja sozinho de moto. Ele acha uma boa idéia prosseguirmos a viagem juntos rumo ao norte, e se mostra disposto a seguir o ritmo de Jack.

As estradas de terra estavam em muito mau estado, com buracos enormes. Decidimos ir pela estrada que percorre os desertos de sal, que estavam em melhores condições. Mesmo assim, tivemos que dirigir com muito cuidado, e nos esforçar para seguir as pistas deixadas pelos pneus dos carros. Em alguns trechos, as finas camadas de sal guardam água abaixo da superfície, e o perigo de atolar é grande. Nosso maior receio era passar por uma tempestade. Na Isla do Pescado armamos nossas barracas num local protegido por rochas. É muito difícil manter uma barraca em pé em campo aberto devido à força do vento. A vista se perde na extensão interminável

da paisagem branca. Ao calor das fogueiras notamos que as raposas espreitavam por comida. Nestes momentos, Jack se fazia o guardião dos nossos mantimentos.

**A perigosa “estrada da morte”.** Em La Paz dormimos no Parque Nacional Cotapata, a 1670 metros de altitude. No dia seguinte, descemos para as terras baixas bolivianas, ou seja, pela selva. Em um trecho de 50 km descemos 2000 metros. O famoso “caminho da morte” fazia plena justiça ao nome. As regras de trânsito nesse percurso seguiam outra convenção: quem subia, tinha que ir pelo lado esquerdo. Quem descia, ia pela direita, ao lado do precipício. Lamentavelmente não havia nenhuma sinalização para essa convenção, e quase nos matamos. Enquanto eu dirigia, como de costume pelo lado direito, um ônibus vinha a toda velocidade na minha direção. No último minuto, joguei a moto para a esquerda, ao lado da montanha, e o bagageiro quebrou. Jack fez giros de 360° dentro da caixa com as piruetas que deu sobre o barranco. Ele saiu com o semblante assustado. O bagageiro quebrou, e Samuel me ajudou a passar os tensores do bagageiro em volta da caixa para fixá-la provisoriamente.

Os próximos 1000 km são por terras pantanosas. A temporada de chuvas já tinha começado e éramos os últimos que ainda conseguiriam passar por essas estradas antes da próxima temporada de seca, quando seriam reabertas. Dirigimos sobre uma superfície escorregadia. Durante o dia conseguimos percorrer trajetos de apenas 40 km. Nossos mantimentos acabaram rapidamente e tivemos que encontrar vilas entre os povoados para nos abastecer. Nosso cardápio era ovo com arroz, arroz com ovo e arroz com arroz.

Nos aproximamos da fronteira da Bolívia com o Brasil. Perdi a noção do tempo. Não sabia por quanto tempo havíamos estado nessa região pantanosa. De qualquer forma, meu visto tinha acabado. Peço informações em um posto policial de um povoado de como elaborar um documento para justificar o atraso e apresentar na alfândega da fronteira. O motivo era o acidente que quase sofri. Eles o aceitam. Com todos os carimbos e vistos do veterinário e desse posto policial, podemos entrar com Jack no Brasil.

**De barco no coração da Amazônia** Nesta região do Brasil não há muitas estradas transitáveis e as poucas dos lugarejos contam histórias incríveis. Falam muito de assaltos, onças perigosas que se escondem nas margens das pistas e que devoram famílias inteiras. Não sabemos ao certo se devemos acreditar em tanta história de terror, mas sinto algum receio pelo Jack, já que as onças também costumam se alimentar com carne de lobos e cães.

Por essa razão, decidimos ir de barco pelo Rio Madeira, de Porto Velho até Manaus.

Pela estrada já corria a notícia de que uma mulher viajava de moto com seu cachorro pela Amazônia. Então, a rádio e a televisão apareceram para entrevistar a brasileira da Alemanha. De repente, todo mundo me conhecia na região.

Com algumas indicações, aproveito para arrumar as instalações do bagageiro e fixar a casa de Jack. Enquanto isso, Samuel e eu procuramos no porto alguém que nos levasse para o norte. O capitão de um barco de carga de gados aceita nos levar junto com suas 650 cabeças. Dormimos três noites em redes na parte de cima do barco e, durante o dia, assistíamos à dança de botos cor-de-rosa. Jack dormia sobre uma tábua que ficava por cima dos gados, e no segundo dia, com as ondas fortes do rio, escorregamos sobre ela e Jack caiu bem no meio da manada. Iria entrar ali para salvá-lo, mas uivando e pedindo passagem, ele conseguiu se virar sozinho até chegar na parte dianteira do barco, onde um dos ajudantes o alcançou. Subi rapidamente, me livrando de um coice por alguns milímetros, e me senti aliviada ao ver que Jack tinha apenas levado pequenos golpes e sofrido alguns arranhões.

**Dias de luxo e ópera** Ao chegar ao porto de Manaus, me dou conta que desde que saí de Buenos Aires já haviam se passado cinco meses de viagem.

Primeiro desce a carga viva e depois as motos. Nessa descida, conheço Gladson, um brasileiro viajado. Ele estava com um caminhão para transportar uma parte do gado que chegava, e nos convidou para passar a noite na fazenda em que morara. Gladson era o braço direito do “rei do gado” da região, e tomava conta da propriedade para o amigo fazendeiro. Pudemos aproveitar durante alguns dias os banhos de piscina e o conforto da mansão. O campo de pastagem é enorme e nele há alguns redutos de bosques, onde Jack encontra descanso à sombra das mangueiras. Durante as noites nos sentávamos com Gladson para contar nossas histórias de viagem.

No dia seguinte me dou um presente especial. Não vou deixar de perder a oportunidade de ir a uma ópera do legendário músico brasileiro Villa-Lobos no centenário do Teatro Amazonas. Que emoção estar nessa construção suntuosa em uma cidade no coração da Amazônia! Fui escutar música clássica vestida de motoqueira, e é claro que só me deram

permissão para entrar nesses trajes porque a Rede Globo já havia me filmado.

Gladson conhece a rota de nossa próxima etapa como a palma de sua mão, porque sempre viajava de caminhão até Boa Vista, que fica mais ao norte do estado. Ele nos dá alguns endereços e sugestões valiosas. Era muito bom ter esses contatos, porque poderíamos contar com um lugar para montar nossas barracas e passar a noite. O caminho passava por dentro de uma reserva indígena, mas não tivemos a sorte de encontrar nenhum de seus habitantes no percurso. Foi na saída do parque que encontramos vários deles vendendo artesanato. A presença de Jack lhes causou medo. Saíram correndo quando o viram. Talvez porque Jack tenha uma aparência de lobo, e faça lembrar as histórias que contam sobre pumas negros.

Em Manaus era só chuva. Uma hora de viagem e chegamos à linha do Equador. A paisagem mudou drasticamente. Era fevereiro de 2007, e se sentia muito o cheiro das queimadas que assolaram a região naqueles meses.

Na Venezuela há poucos postos de gasolina, por isso os carros têm tanques com reservas maiores. Acabou o combustível da moto e tive que empurrá-la por alguns quilômetros. Para minha sorte, havia um posto da polícia militar naquela região. O jovem policial se surpreende ao ver que uma mulher empurrava a moto carregada. Foram muito generosos em me ceder alguns litros de suas reservas. Pude prosseguir a viagem contemplando a magnífica paisagem da grande savana venezuelana, com uma quantidade impressionante de platôs e enormes quedas d'água. Facilmente poderíamos ficar por ali por mais tempo, mas o mar nos chamava...

Ao chegar finalmente à costa do Caribe, ficamos na casa de alguns pescadores da Ilha Margarita. Eles nos permitiram montar as barracas em um local utilizado para distribuição dos peixes. Depois de uma semana bastante cansativa no Amazonas, nos faz bem tomar um pouco de sol, sentir a areia nos pés e tomar banhos de mar. Para variar um pouco nosso cardápio, fizemos algumas trocas: feijões, arroz e massa por peixes frescos.

Continuando nossa viagem, fugimos da rodovia que percorria a costa, evitando passar por Caracas. Fomos até a Colômbia pela cordilheira de Mérida, que fica no interior do país.

**Uma foto como prova.** Na Colômbia me informam que no Panamá não era permitida a entrada de cães, nem por barco nem por avião. O que fazer? Se quisermos chegar ao México, a passagem pelo Panamá é inevitável. Mas

não existe nenhuma estrada entre a Colômbia e o Panamá. Portanto, precisávamos encontrar um barqueiro que estivesse disposto a nos levar com as motos e as bagagens. E o que fazer com Jack?

Ao me dar conta de que havia um pequeno posto na fronteira que ficava a não mais que dois dias a pé dali, na última praia da Colômbia, tive a idéia de arriscar por terra. Samuel e eu fomos de moto até o último porto na fronteira colombiana. Depois pegamos um barco que nos levou até a última praia da Colômbia, onde deixamos as motos. Estávamos isolados e continuamos pela selva até chegar no posto da fronteira, que fica no Rio da Mata. Caminhamos durante dois dias e, quando chegamos, fotografamos Jack ao lado do brasão do Panamá. Isto nos serviria, no caso de haver controle do Ministério, para entrar na cidade do Panamá, para provar que Jack já havia entrado no país por terra. Tudo funcionou como previsto, apesar de os policiais nos observarem com estranheza e admiração.

Depois voltamos para pegar as motos, e um barco de pesca nos levou até Puerto Obaldía, um lugarejo na região fronteira. Na entrada, nossos passaportes foram analisados e carimbados. Nem olharam para o Jack, porque nesse posto, os profissionais que controlavam a entrada de animais estavam de férias... Que maravilha estar no Panamá!

**Com o barco carregado de bananas pelas águas azul turquesa.** Ali não existiam estradas, por isso precisávamos de um barco que nos levasse para o norte. Os moradores do povoado não nos dão esperanças, querem nos fazer acreditar que nos últimos seis meses somente dois barcos transportando alimentos haviam passado por ali. Mas, durante a viagem, aprendi a não acreditar em tudo que se ouve. Penduramos nossas redes entre as árvores e esperamos. Sem muita demora, surge um homem com seu filho, que havia se deslocado até a baía em uma embarcação carregada de bananas.

Seu destino era Carti, por onde passa uma estrada transitável que leva até cidade do Panamá. Esse era exatamente o local para onde queríamos ir! “Gordo” quer vender suas bananas nas ilhas dos índios Kuna. Ele nos leva com uma única condição: que nós mesmos carregássemos nossas motos e bagagens até o barco. Com um sorriso radiante, respondemos com uma palavra: “perfeito”!

A viagem de barco durou uma semana pelas encantadoras ilhas do Arquipélago de San Blas. Uma semana de férias. Gordo faz bons negócios durante o dia e, graças ao seu comércio “bananas por peixes”, nos garante toda noite refeições deliciosas.

Água cristalina, corais de variadas colorações e ilhas solitárias tão pequenas quanto estádios de futebol... Estávamos no paraíso!

No entanto, surge um problema. Os índios Kuna têm suas próprias leis, e os cães não são bem-vindos em suas terras. Pobre Jack: tem que ficar sempre no barco e passear somente a nado. Mas, durante toda a viagem, foi sempre Jack que nos abriu as portas, e nesse caso, não seria diferente. As crianças, muito curiosas, jogavam galhos na água, e Jack saltava do barco para recolhê-los. Estabelecemos os primeiros contatos e nos rostos delas víamos os sorrisos. O gelo se quebrou, e abrindo uma exceção, Jack chega até elas por terra.

Depois de uma semana, chegamos a Carti. Daí até a cidade do Panamá há alguns caminhos pantanosos, difíceis de percorrer. Depois de cair várias vezes, me sentia tão cansada que não sabia mais como chegar inteira ao nosso destino. Nunca imaginei que do meio do nada surgiriam jipeiros dispostos a ajudar. Colocamos as motos, todas bagagens e a casa de Jack no bagageiro de um deles e, durante a noite, nos abaixávamos ao passar pelos postos policiais. Assim conseguimos chegar de madrugada na cidade do Panamá. Alguns dias depois, estávamos muito felizes de viajar a toda velocidade pela Ponte das Américas em direção à Costa Rica, Nicarágua, El Salvador, Guatemala e México.

**Meta alcançada.** Dois meses mais tarde, estreito meus braços ao encontro de meu velho amigo do colégio. Estava na Cidade do México, e não nos víamos por mais de 15 anos. Estou muito cansada e também muito feliz. Ainda não acreditava que depois de 18 meses, de 50.000 quilômetros rodados pelas Américas do Sul e Central, havia alcançado a nossa meta! Para comemorar a chegada, Jack ganha um filé grande e suculento, além de alguns carinhos. Durante toda a viagem ele havia sido um grande companheiro. A moto e a casa de Jack ficam guardadas na casa de meu amigo, no caso de a menina sonhadora se resolver por alguma data futura... bom, nunca se sabe!